



**COMITÊ DE INVESTIMENTOS**

**ATA nº 009/2015.**

Ata da Reunião Ordinária do Comitê de Investimentos, realizada aos 17 (dezesete) dias do mês de agosto de 2015 às 15h00 na sala de reuniões deste Instituto conforme determina a Portaria nº 519/2011 do Ministério da Previdência Social – MPS e Decreto Municipal nº 2706/2012. **Pauta:** Aprovação da Ata nº 008/2015 da reunião Ordinária realizada no dia 17 (dezesete) de julho de 2015; Informação e análise acerca dos cenários macroeconômicos e das expectativas de mercado pela empresa Maxx Consultoria de Investimentos Ltda.; Apresentação do relatório com a avaliação e o desempenho das aplicações da Carteira de Investimentos do mês de julho/2015 dos Fundos II, III e IV. **Participantes:** Sr. Fernando Evangelista da Silva – Presidente do IPSM; Srta. Milla Rosa Peixoto – Diretora de Administração e Finanças; Sr. Oberlin da Cunha Nogueira – Gerente de Investimentos; Sr. Napoleão Batista Ferreira da Costa – Representante do Conselho Fiscal Previdenciário – CFP. **I** – Aberta a reunião, foi apresentada a justificativa de falta do membro Omar Roni Silva que estava em viagem a serviço do Sintego – Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Goiás. **II** – A Ata de nº 008/2015 depois de lida e achada conforme foi aprovada pelos membros presentes. **III** – A seguir passou-se às considerações do Sr. Fernando Vitor de Oliveira, representando a Maxx Consultoria de Investimentos Ltda. para a apresentação dos cenários macroeconômicos e das expectativas de mercado: O mês de julho foi marcado pelo agravamento da crise política, piora sistemática dos indicadores econômicos internos e alta volatilidade dos ativos locais. O clima de pessimismo na economia brasileira se intensificou com o surgimento de diversos sinais negativos associados ao ambiente econômico e político do país. O ambiente político permaneceu conturbado. A relação entre o Presidente da Câmara, Eduardo Cunha, e o Palácio do Planalto, que já não era boa, comprometendo uma série de medidas importantes ao ajuste fiscal, se agravou após denúncias de envolvimento do mesmo na operação Lava a Jato. A equipe econômica anunciou a redução da meta fiscal do governo para um superávit primário de 0,15% do PIB em 2015, 0,7% para 2016 e 1,2% para 2017. Este anúncio teve impactos significativos no preço dos ativos brasileiros. A agência de classificação de risco Standard & Poor's (S&P), umas das mais importantes agências de risco do mundo, revisou a perspectiva do risco soberano do Brasil de estável para negativo, deixando o país há apenas um grau acima do nível especulativo e com a perspectiva de perder o selo de investimento seguro. O mercado passou a considerar a perda da nota de crédito do Brasil em nível de grau de investimento, como inevitável, sendo apenas uma questão de tempo. A deterioração da classificação de *rating* de um país reflete as condições econômicas do mesmo, o que tem também efeito sobre a geração de caixa das empresas nos diversos setores. O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central promoveu a sétima elevação consecutiva nos juros básicos da economia no dia 29/07, para 14,25% ao ano, maior patamar em quase nove anos. Com uma taxa mais alta de juros, o Banco Central tenta controlar o crédito e o consumo, atuando assim para segurar a inflação. Por outro lado, ao tornar o crédito e o investimento mais caros, os juros elevados prejudicam o investimento, o emprego e, subsequentemente, o



crescimento da economia brasileira. No front externo os eventos continuam de certa maneira confortáveis ao Brasil até o momento. Após o acordo temporário com relação à permanência da Grécia na Zona do Euro, o Banco Central Americano continua a sinalizar que o aumento da taxa de juros será feita de maneira gradual e espaçada preservando a retomada da economia. **EUA** – A inflação ainda bastante controlada e abaixo da meta perseguida pelo Banco Central dos EUA (Fed), abre espaço para que o processo de aperto monetário ocorra de forma gradual e cautelosa – mitigando, embora não eliminando, os riscos decorrentes sobre os mercados. O *Bureau of Labor Statistics* divulgou os dados do mercado de trabalho americano no sétimo mês do ano. Foram criadas 215 mil vagas, próximo ao esperado pelos analistas (225 mil, segundo levantamento feito pela Bloomberg). O número de vagas criadas no mês anterior foi revisado de 223 para 231 mil. Julho foi o terceiro mês consecutivo com criação de emprego acima de 200 mil. Estes indicadores do mercado de trabalho referentes a julho mostraram um robusto ritmo de criação de postos de trabalho, crescimento ainda modesto dos salários e estabilidade da taxa de desemprego. A taxa de desemprego continuou em 5,3% em julho. O resultado do mês se explica por uma alta na população economicamente ativa próxima àquela observada na população ocupada. A taxa de subemprego recuou de 10,5% para 10,4%. A taxa de participação da força de trabalho continuou em 62,6%, com alta na PIA e PEA. As encomendas à indústria registraram alta de 1,8% na comparação mensal em junho. As encomendas totais recuaram 6,2% em relação ao mesmo mês do ano anterior. As encomendas à indústria registraram alta de 1,8% na comparação mensal em junho. O índice de do setor de serviços subiu de 56,0 para 60,3 pontos em julho, segundo o ISM. Destaque para o subíndice de encomendas (de 58,3 para 63,8) e entregas (de 51,5 para 53,0). O subíndice de preços subiu de 53,0 para 53,7. Já o PMI de serviços subiu de 54,7 para 55,7 pontos em julho, segundo a Markit. Com a melhora também na manufatura, o índice composto passou de 54,6 para 55,7 pontos. Os pedidos de hipotecas aumentaram 4,7% na semana até o dia 31 de julho, ante alta em 0,8% no período anterior.

**EUROPA** – Na Europa, o principal destaque diz respeito à crise grega. Depois do anúncio oficial do não pagamento da parcela de dívida do país com o Fundo Monetário Internacional (FMI) – ainda no final de junho, - que colocou a Grécia formalmente em situação de default, as autoridades direcionaram-se para a convocação de um referendo popular. Embora a decisão da maioria tenha sido contrária ao encaminhamento das negociações nos termos que haviam sido originalmente propostos pelo FMI e pelas autoridades europeias, a evolução posterior surpreendeu positivamente, até a obtenção de um acordo que reduz de forma importante o stress de curto prazo relativo ao tema. Ainda em relação à Grécia, porém, convém lembrar que o país continua a lidar com uma carga expressiva de pagamentos para os próximos meses / anos, numa situação de contração econômica que mantém o risco de novos períodos de maior preocupação para os mercados à frente. Também foi divulgado o PIB da Grécia, que cresceu 0,8% no 2º trimestre na comparação com os três meses anteriores. No confronto anual, a economia grega teve expansão de 1,4%. A Zona de Euro cresceu no 2º trimestre menos do que os analistas projetavam. O PIB da região subiu 0,3% ante o 1º trimestre, mantendo o crescimento em 1,2%, quando medido em bases anuais. De todo modo, a autoridade monetária europeia, na figura de seu Presidente, Mario Draghi, tem reiteradamente confirmado sua decisão de prosseguir no programa de afrouxamento monetário, com vistas a dar sustentação à economia da região como um todo. O Índice de Preços ao produtor em junho na Zona do Euro, apresentou deflação de

*[Handwritten signatures]*



0,1% no mês e 2,2% no ano. O resultado representa leve piora em relação ao mês anterior. Pela Europa, o Índice de Preços ao Consumidor (CPI) da Alemanha subiu 0,2% em julho ante junho e também avançou 0,2% no confronto anual. O PMI de serviços registrou piora em diversos países na Zona do Euro em julho, fato este observado também no índice para a região, que passou de 54,4 para 54,0 pontos, segundo a Markit. O índice composto recuou de 54,2 para 53,9 pontos. Adicionalmente, as vendas no varejo em junho recuaram 0,6% em comparação ao mês passado, pior do que o esperado (-0,2%). Na comparação interanual, as vendas subiram 1,2%, desacelerando em relação aos 2,6% em comparação mesmo mês do ano passado. O PMI de serviços da França, recuou de 54,1 para 52,0 pontos em julho, segundo a Markit. Junto com a queda no PMI da manufatura (de 50,7 para 49,6), o índice composto caiu de 53,3 para 51,5 pontos. A produção industrial em junho recuou 0,1% ante o mês anterior. Na comparação interanual a produção desacelerou de 2,5% para 0,6%. Já na Alemanha, o PMI no setor de serviços ficou estável em 53,8 pontos em julho, segundo a Markit. O PMI da manufatura passou de 51,9 para 51,8 no mesmo mês. Combinados, os dois resultados trouxeram estabilidade ao índice composto em 53,7 pontos. Assim como as encomendas a produção industrial alemã também ficou abaixo do esperado em junho: queda de 1,4% na margem e alta de 0,6% na comparação interanual (expectativa em +0,3% MoM e +2,2% YoY). Já o superávit comercial do país foi de 22 bilhões de euros em junho, acima da expectativa de 21,1 bilhões de euros. No Reino Unido, o PMI de serviços caiu de 58,5 para 57,4 em julho, segundo a Markit. Este é o trigésimo primeiro mês consecutivo no qual o indicador está acima dos 50 pontos. O índice composto, apesar da melhora observada na manufatura no período, piorou de 57,4 para 56,6 pontos. **ÁSIA** – O Banco Central do Japão - BoJ, decidiu por não expandir seu programa de estímulo monetário e manteve sua avaliação otimista sobre a economia hoje, reforçando suas expectativas de que a inflação atingirá seu objetivo de 2%, sem necessidade de apoio adicional. O BoJ vai continuar a aumentar a sua base monetária a um ritmo anual de ¥ 80 trilhões através da compra de títulos do governo. O conselho tomou a decisão pela não expansão do programa por 8 votos a 1; Na **China** continuam os esforços por parte do Governo em manter o crescimento econômico na ordem de 7% através de estímulos monetários, redução da taxa de juros, e medidas de incentivo ao investimento. Porém a economia chinesa continua a mostrar números de crescimento decepcionantes em 2015. O PMI de serviços subiu de 51,8 para 53,8 pontos em julho, segundo a Markit. Com a piora observada na manufatura (de 49,4 para 47,8), o índice composto passou de 50,6 para 50,2 pontos. A projeção de expansão de 7% no agregado do ano, embora não esteja descartada, mostra-se cada vez mais difícil de ser obtida e dependente de uma agenda muito intensa de intervenções diretas. Num cenário de maior preocupação dos mercados em relação à China o valor das *commodities* têm sofrido efeito importante, retornando no final de julho aos mais baixos patamares registrados nos últimos anos. Sem dúvida o maior risco externo para o Brasil neste momento seria uma desaceleração mais acentuada da economia chinesa impactando mais severamente os preços das *commodities* agrícolas e metais, principal pauta de exportação brasileira. **BRASIL – Economia Nacional** – A expectativa de que o Banco Central concluiu o processo de elevação da taxa básica de juros no Brasil, após elevar a Selic para 14,25%, ainda sugere preocupação devido ao panorama inflacionário de curto prazo. Mas num cenário de contração tão forte de atividade econômica (com implicações relevantes sobre emprego e renda previstas para os próximos meses) e de expectativas ancoradas para 2016 e



2017, a tendência é que a trajetória do IPCA seja mais benigna a partir dos próximos meses. Porém a agenda de incertezas de longo prazo ainda é muito intensa. O setor público consolidado apresentou déficit primário de R\$ 9,323 bilhões em junho segundo divulgado pelo Banco Central. Este é o pior junho de toda a série histórica. O governo federal foi deficitário em R\$ 9,065 bilhões e o regional em R\$ 258 milhões. No acumulado de primeiro semestre, o setor público foi superavitário em R\$ 16,224 bilhões, o pior resultado da série histórica (0,57% do PIB). O saldo positivo se explica pelo governo regional, com superávit de R\$ 19,294 bilhões no período (R\$ 16,426 bilhões de Estados e R\$ 2,868 bilhões de municípios). Já o governo central apresentou déficit de R\$ 1,911 bilhão. As empresas estatais também apresentaram resultado negativo, déficit de R\$ 1,159 bilhão no semestre. No acumulado em doze meses, as contas do setor público continuam negativas, passando de um déficit de R\$ 38,469 bilhões para R\$ 45,692 bilhões. Com isso, em relação ao PIB, o déficit acumulado passou de 0,68% para 0,80%. O governo federal explica 0,69 p.p. e os regionais, 0,11% p.p. A dívida líquida do setor público está em 34,5% do PIB, ante 33,6% em maio. A dívida bruta, por outro lado, subiu a 63,0% do PIB contra 62,5% em maio. **Atividade Econômica** – A produção industrial brasileira em junho recuou -0,3% na comparação mensal, segundo a Pesquisa Industrial Mensal (PIM) do IBGE. Em relação ao mesmo mês do ano passado, a produção recuou -3,2%. O resultado também superou o registrado em maio (-8,9%) e abril (-7,9%). Esta é a décima sexta queda consecutiva nesta base de comparação. No acumulado em doze meses, a produção recuou -5,0% no sexto mês do ano, ante queda de -5,3% em maio. A contração é generalizada entre todas as categorias pesquisadas. O Nível de Utilização da Capacidade Instalada (Nuci), divulgado pela FGV, permaneceu em 78,2% em julho, mesmo percentual registrado em junho. O PMI no setor de serviços apresentou queda de 39,9 para 39,1 pontos em julho, segundo a Markit. Apesar da melhora na manufatura no período, de 46,5 para 47,2 pontos, o índice composto caiu de 41,0 para 40,8 pontos. As vendas no varejo no Brasil tiveram queda de -0,4% M/M em junho. Esse já é o 5º mês consecutivo de queda nas vendas no varejo (o recorde da série é 7 meses consecutivos, em 2001), com queda acumulada de 3,4%. Em relação ao mesmo mês do ano anterior, a contração foi de 2,7% A/A, menos intensa que outros números vistos ao longo desse ano (como os 4,5% A/A de maio). O saldo do comércio exterior, por outro lado, foi positivo em US\$ 4,441 bilhões. As exportações totalizaram US\$ 17,689 bilhões, com US\$ 3,134 bilhões em ACC, US\$ 4,481 bilhões em Pagamento Antecipado (PA) e US\$ 10,074 bilhões em outras operações. As importações atingiram US\$ 13,248 bilhões no período. **Expectativas e Sondagens** – O Índice de Confiança do Comércio (ICOM) medido pela FGV - Fundação Getúlio Vargas, recuou -1,0% entre junho e julho, considerando-se dados ajustados por sazonalidade. Com o resultado, o índice atingiu 89,8 pontos, mínimo histórico da série iniciada em março de 2010. Já o Índice de Confiança do Consumidor (ICC) da Fundação Getúlio Vargas recuou -2,3% em julho de 2015, atingindo 82 pontos, menor nível da série histórica, iniciada em setembro de 2005. O índice de Confiança de Serviços (ICS) da Fundação Getúlio Vargas teve um recuo de -2,9% entre junho e julho, ao passar de 80,7 para 78,4 pontos, na série com ajuste sazonal. Após a sexta queda no ano, o índice registra um novo mínimo histórico da série iniciada em junho de 2008. Após cinco quedas consecutivas, o Índice de Confiança da Indústria (ICI) da Fundação Getúlio Vargas avançou 1,5% entre junho e julho, ao passar de 68,1 para 69,1 pontos, o segundo menor nível da série histórica. O resultado sucede quedas de -1,60% em maio e -4,9% em junho. Já o Índice de



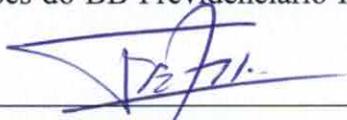
Confiança da Construção (ICST) recuou -4,7% entre junho e julho, alcançando 70,2 pontos, o menor nível da série iniciada em julho 2010. O resultado sucede a relativa estabilidade de junho (0,1%) e uma queda em maio de -4,7%. No ano o ICST acumula queda de -26,5%. **Mercado de Trabalho** – Segundo a Pesquisa Mensal de Emprego do Instituto Brasileiro de Geografia (PME-IBGE), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), houve redução nas seis regiões metropolitanas que compõem a pesquisa, de 298 mil vagas em junho, representando uma retração de 1,3% na população ocupada da PME, a maior desde o início de sua série histórica, em 2003. Ainda na comparação com o mesmo mês do ano passado, o levantamento apurou a quinta queda consecutiva na renda média real, de 2,92% e na massa salarial, de 4,3%. A taxa de desemprego passou de 6,7% em maio para 6,9% em junho de 2015 e contra 4,8% em junho de 2014. Segundo dados oficiais do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego em junho, verificou-se uma redução de 111.199 postos de trabalho, equivalente à variação negativa de 0,27% em relação ao estoque do mês anterior, resultado menor que o declínio ocorrido em maio da ordem de 115.599 empregos. No acumulado do ano, a queda registrada no emprego atingiu o montante de -345.417 postos de trabalho ou - 0,84%, e, nos últimos doze meses, ocorreu a redução de 601.924 empregos ou - 1,45%. **Mercado Financeiro e Câmbio** – O fluxo cambial entre os dias 27 e 31 de julho apresentou déficit de US\$ 1,598 bilhão, segundo divulgado hoje pelo Banco Central. Nas quatro semanas anteriores o fluxo foi negativo em US\$ 2,337 bilhões. O fluxo, assim, encerrou julho com saída de US\$ 3,935 bilhões. O acumulado do ano registra entrada de US\$ 7,165 bilhões. Vale lembrar que o saldo foi negativo US\$ 9,287 bilhões em 2014. O Ibovespa fechou em queda de 4,17% e o Dólar Comercial em alta de 9,39%, atingindo o seu maior valor desde a crise de 2008. Em julho o Ibovespa sofreu uma queda de 4,17%, o que levou os ganhos no ano para apenas 1,7%. As bolsas de diversos países emergentes também sofreram queda importante, na esteira da piora do ambiente para as commodities, motivada em boa medida pelos temores com a China. A bolsa de Xangai, caiu 14,34% no mês, propagando um temor maior sobre as condições de crescimento da economia do país. No caso dos mercados de renda variável nos Estados Unidos e na Europa, houve desempenho positivo, recuperando parte das perdas anteriores decorrentes dos receios com a crise Grega. O câmbio apresentou forte elevação no mês de julho, apresentando avanço de 9,39% e alcançando o patamar de R\$ 3,39/US\$. Tal nível rememora valores anteriormente vistos apenas em 2003. Entretanto, o nível atual não é efetivamente comparável com a cotação de 12 anos atrás, pois os valores são nominais e deveriam ser analisados descontando-se os efeitos da inflação no período. A retirada de recursos da caderneta de poupança superou os depósitos em R\$ 2,45 bilhões em julho deste ano, informou o Banco Central. É a maior saída de valores, no mês de julho, desde o início da série histórica, em 1995. Também foi o sétimo mês consecutivo de retirada de recursos da caderneta. No acumulado dos sete primeiros meses deste ano, a saída líquida (acima do valor dos ingressos) de recursos da poupança somou R\$ 41,0 bilhões, também o maior valor da série histórica para este período. O montante supera, em muito, o valor de toda a entrada de recursos registrada no ano de 2014 fechado – que foi de R\$ 24,0 bilhões. **Inflação e Taxa de Meta Atuarial** – O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) registrou desaceleração entre junho (0,79%) e julho (0,62%). Em doze meses, a inflação acumulou uma variação de 9,56%. Em julho, destaque para a desaceleração de Transportes (de 0,70% para 0,15%) e para a aceleração da Habitação (de

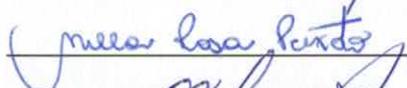


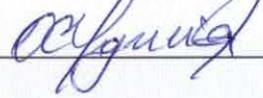
0,86% para 1,52%). Para 2015, a projeção para o IPCA é de 9,30%. A inflação, medida pelo IPCA de julho, ficou ligeiramente acima das expectativas do mercado, com variação de 0,62% M/M contra mediana de projeções do mercado e projeção da SulAmérica Investimentos de 0,60% M/M. Com essa variação mensal, a taxa de variação em 12 meses subiu de 8,89% A/A para 9,56% A/A. A variação em 12 meses deve seguir bastante elevada ao longo dos próximos meses, devendo terminar o ano ainda acima de 9,0% (9,25% A/A na projeção da SulAmérica Investimentos). O Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) apresentou variação de 0,58% em julho e ficou 0,19 p. p. abaixo do resultado de junho (0,77%). Com isto, o acumulado no ano foi para 7,42%, acima da taxa de 3,92% relativa mesmo período de 2014. No acumulado dos últimos doze meses, o índice está em 9,81%, acima dos 9,31% relativos aos doze meses anteriores. Em julho de 2014 o INPC fora de 0,13%. A Taxa de Meta Atuarial (TMA) que é indexada ao indicador IPCA (IPCA + 6% a.a.), no mês de julho variou 1,16%, acumulando 10,47% no ano. Já para os RPPS que possuem meta atuarial indexada ao INPC (INPC+6% a.a.), terá sua TMA com uma variação mensal de 1,11% e um acumulado de 10,08% no ano. **IV – O Relatório Mensal com a avaliação e o desempenho das aplicações da Carteira de Investimentos no mês de julho/2015 dos Fundos II, III e IV foi demonstrado, em que a rentabilidade apresentada pelo **Fundo II** foi de **0,71%**, ficando seu desempenho inferior a TMA (IPCA + 6,00%) que fechou o mês em **1,16%**. O mês de julho/15 foi o décimo mês nos últimos doze que o Fundo II apresentou rentabilidade positiva, mas é o nono mês em que o desempenho da carteira ficou abaixo da meta atuarial. Comparando a performance dos últimos doze meses, o Fundo II acumula 9,18% de rentabilidade, enquanto a TMA apresenta 15,54%. O patrimônio do Instituto aumentou em relação ao mês anterior, em decorrência da rentabilidade positiva da carteira. Na comparação dos últimos doze meses, a carteira apresentava R\$ 417.985.950,18 de saldo em agosto/14 e em decorrência de novos aportes e da rentabilidade apresentada no período, no fechamento do mês em 31/07/2015 já se encontra em R\$ 469.239.485,33, o que corresponde a 12,26% de evolução. O **Fundo III** rentabilizou **1,26%** no mês, ficando seu desempenho superior a TMA (IPCA + 6,00%) que fechou o mês em **1,16%**. Nos últimos doze meses o Fundo III sempre apresentou rentabilidade positiva e esse é o segundo mês em que o desempenho da carteira ficou acima da meta atuarial. Em doze meses, acumula 11,77% de rentabilidade, enquanto a TMA apresenta 15,54%. O patrimônio do Instituto aumentou em relação ao mês anterior, em decorrência da rentabilidade positiva da carteira. Na comparação dos últimos doze meses, a carteira apresentava R\$ 4.985.986,05 de saldo em agosto/14 e em função de novos aportes e da rentabilidade apresentada no período, no encerramento do mês em 31/07/2015 o valor já se encontra em R\$ 8.414.057,26 o que corresponde a 68,75% de evolução em doze meses. O **Fundo IV** teve uma rentabilidade de **1,33%**, ficando seu desempenho superior a TMA (IPCA + 6,00%) que fechou o mês em **1,16%**. Desde a constituição do Fundo IV (outubro/2014) a carteira sempre apresentou rentabilidade positiva e esse é o primeiro mês que supera a meta atuarial. Em dez meses, o Fundo IV acumula 9,85% de rentabilidade, enquanto a TMA apresenta 14,07% para este mesmo período. O patrimônio do Instituto aumentou em relação ao mês anterior, em decorrência da rentabilidade positiva da carteira. Na comparação dos últimos dez meses, a carteira apresentava R\$ 430.136,72 de saldo em outubro/14 e no fechamento do mês de julho o valor foi de R\$ 2.409.319,69, o que corresponde a 460,13% de evolução em dez meses, devido a novos aportes e a rentabilidade do período. Após as devidas demonstrações dos**



relatórios dos Fundos II, III e IV, com as avaliações, desempenho e análises, o Comitê de Investimentos foi de parecer favorável pela aprovação dos relatórios por unanimidade dos membros presentes. V – Considerando o recurso de R\$ 2.400.000,00 (dois milhões e quatrocentos mil reais), disponível na conta corrente do IPSM referente ao Fundo I, o Comitê de Investimentos deliberou pela alocação desse recurso no Fundo BB Previdenciário Renda Fixa Perfil FIC FI, CNPJ 13.077.418/0001-49. Nada mais havendo a tratar, deu-se por encerrada a reunião. Documentos anexos que farão parte da presente Ata: 1) Relatórios com a Avaliação Mensal e o desempenho das aplicações da Carteira de Investimentos no mês de julho/2015 dos Fundos II, III e IV. 2) Lâmina de informações do BB Previdenciário Renda Fixa Perfil FIC FI, CNPJ 13.077.418/0001-49. Nada mais.

Fernando Evangelista da Silva (Presidente): 

Milla Rosa Peixoto (Membro): 

Oberlin da Cunha Nogueira (Membro): 

Omar Roni Silva (Membro): \_\_\_\_\_

Napoleão B. Ferreira da Costa (Membro): 